

## INDÚSTRIA DE ALIMENTOS

**FERNANDO LUIZ E. VIANA**

Engenheiro Civil. Mestre em Engenharia de Produção. Doutor em Administração.  
Coordenador de Estudos e Pesquisas do ETENE/BNB.

**Resumo:** A indústria de alimentos possui grande importância na indústria de transformação, na participação no PIB e na geração de empregos, importância esta que é ainda maior no Nordeste, em comparação com o agregado nacional. As regras de permanência em casa (isolamento social) impostas pela pandemia da Covid-19 resultaram em aumento das vendas para o canal de varejo, a despeito da queda nas vendas dos serviços de alimentação, o que levou a um bom desempenho do setor em 2020, com grande contribuição do comércio eletrônico para tal. Entretanto, espera-se que as vendas voltem progressivamente para seus canais originais, o que afetará as vendas no varejo em 2021. As empresas do setor precisam estar atentas a algumas tendências associadas aos produtos alimentícios embalados que surgiram a partir da pandemia da Covid-19, tais como a busca por vinculados à sustentabilidade, a manutenção da tendência do consumo “em casa” e a disponibilidade de diferentes canais de distribuição, incluindo o comércio eletrônico. No Brasil, permanecem algumas preocupações importantes para a indústria de alimentos brasileira, especialmente em termos de progresso em relação à regulação relacionada aos impactos dos alimentos na saúde da população. Nesse sentido, os investimentos e financiamentos devem ser direcionados para a fabricação de produtos que atenderão a nichos específicos de mercado, e que estejam alinhados às tendências do mercado consumidor de produtos alimentícios, bem como às adaptações necessárias ao alinhamento dos produtos e processos às novas normas regulatórias que devem surgir ainda em 2021.

**Palavras-chave:** Indústria de Alimentos; Alimentos Embalados; Covid-19.

### ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

Expediente: Banco do Nordeste: Romildo Carneiro Rolim (Presidente). Luiz Alberto Esteves (Economista-Chefe). Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE: Tibério R. R. Bernardo (Gerente de Ambiente). Célula de Estudos e Pesquisas Setoriais: Luciano F. Ximenes (Gerente Executivo), Maria Simone de Castro Pereira Brainer, Maria de Fátima Vidal, Jackson Dantas Coêlho, Fernando L. E. Viana, Francisco Diniz Bezerra, Luciana Mota Tomé, Biágio de Oliveira Mendes Júnior. Célula de Gestão de Informações Econômicas: Bruno Gabai (Gerente Executivo), José Wandemberg Rodrigues Almeida, Gustavo Bezerra Carvalho (Projeto Gráfico), Hermano José Pinho (Revisão Vernacular), Francisco Kaique Feitosa Araujo e Marcus Vinicius Adriano Araujo (Bolsistas de Nível Superior).

O Caderno Setorial ETENE é uma publicação mensal que reúne análises de setores que perfazem a economia nordestina. O Caderno ainda traz temas transversais na sessão “Economia Regional”. Sob uma redação eclética, esta publicação se adequa à rede bancária, pesquisadores de áreas afins, estudantes, e demais segmentos do setor produtivo.

Contato: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE. Av. Dr. Silas Munguba 5.700, Bl A2 Térreo, Passaré, 60.743-902, Fortaleza-CE. <http://www.bnb.gov.br/etene>. E-mail: [etene@bnb.gov.br](mailto:etene@bnb.gov.br)

**Aviso Legal:** O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte. SAC 0800 728 3030; Ouvidoria 0800 033 3030; [bancodonordeste.gov.br](http://bancodonordeste.gov.br)

## 1 CONTEXTUALIZAÇÃO

A indústria de alimentos constitui um dos setores da indústria de transformação que abrange a maior quantidade de grupos e, por conta disso, apresenta certa heterogeneidade de características entre os grupos. É importante salientar que, devido à heterogeneidade supracitada e às especificidades de alguns grupos, esta análise contextualiza o cenário de toda a indústria de alimentos, entretanto, traz detalhes mais específicos das atividades que compõem os seguintes grupos da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE): 10.3 (Fabricação de conservas de frutas, legumes e outros vegetais), 10.4 (Fabricação de óleos e gorduras vegetais e animais), 10.5 (Laticínios), 10.6 (Moagem, fabricação de produtos amiláceos e de alimentos para animais), 10.8 (Torrefação e moagem de café) e 10.9 (Fabricação de outros produtos alimentícios). Os demais grupos serão contemplados por análises específicas.

A indústria de alimentos engloba grande diversidade de produtos, possuindo forte inter-relação com a agricultura e a pecuária, tendo em vista que esses setores constituem os fornecedores dos principais insumos utilizados nessa indústria. Devido aos insumos utilizados a partir da agropecuária, a indústria de alimentos possui sazonalidade da produção vinculada à sazonalidade da oferta de seus insumos. Além das relações com a agropecuária, a indústria de alimentos estabelece, assim como outros setores da indústria de transformação, relações com canais de distribuição, indústrias de embalagens, máquinas e equipamentos, entre outras.

A indústria de alimentos possui grande importância na indústria de transformação, na participação no PIB e na geração de empregos. Segundo a Associação Brasileira da Indústria de Alimentação – ABIA (2020), a indústria de alimentação brasileira (alimentos + bebidas) faturou, em 2019, R\$ 699,9 bilhões, o que é equivalente a 9,6% do PIB brasileiro daquele ano. Já em 2020, o faturamento foi de R\$ 789,2 bilhões, o que é equivalente a 10,5% do PIB nacional, representando crescimento de 12,8% em relação a 2019. Descontada a inflação do período, a indústria de alimentação obteve aumento de 3,3% nas vendas reais em 2020 (ABIA, 2021).

Em termos mundiais a indústria de alimentos também tem importância significativa em diferentes países e, por conta dessa importância, é cada vez maior a presença de *players* globais nos principais mercados, empresas que têm buscado aumentar sua participação no mercado por meio de fusões e aquisições. Nos últimos anos, o setor tem mantido crescimento nas vendas, mas em níveis relativamente baixos. O valor das vendas globais no varejo da indústria de alimentos embalados cresceu 4,6% em 2020, em comparação a 1,7% em 2019. As regras de isolamento social impostas pela pandemia da Covid-19 resultaram em aumento das vendas no varejo, a despeito da queda nas vendas em restaurantes, lanchonetes e similares. O caráter de essencialidade dos alimentos resultou nesse bom desempenho, mesmo com o advento da pandemia. Boa parte das vendas no varejo adveio do comércio eletrônico, que teve forte crescimento em 2020. No Brasil, por exemplo, o crescimento dos pedidos por e-commerce no segmento de alimentos foi de 30%, resultando em um aumento de 22% no faturamento por esse canal (EBIT, 2021).

Nos últimos anos tem havido uma mudança no que os consumidores estão gastando, que sinalizam algumas tendências (conforme será discutido adiante), com impactos na evolução da participação das diferentes empresas no mercado. Historicamente, os consumidores tomam decisões de compra com base em sabor, preço e conveniência, conhecidos como “fatores tradicionais” na decisão de compra de produtos alimentícios. Entretanto, atualmente os consumidores têm dado maior peso a outros fatores na sua decisão de compra, o que traz novos desafios e oportunidades para a indústria de alimentos. Entre esses novos fatores, destacam-se saúde e bem-estar (alimentos baseados em plantas, alimentos funcionais), busca por canais alternativos de compras que trazem comodidade (comércio eletrônico), e valorização da sustentabilidade e aspectos éticos (valorização de marcas com propósito).

Apesar de o mercado brasileiro apresentar algumas particularidades em comparação com os mercados dos países desenvolvidos, bem como manter certa heterogeneidade entre as diferentes regiões do País, entende-se que as empresas que atuam no Brasil devem atentar às tendências observadas no mercado internacional, especialmente porque diversas empresas multinacionais do setor alimentício

com origem em outros países atuam no Brasil. Além disso, algumas empresas com capital nacional, pertencentes à indústria de alimentos, possuem forte viés de internacionalização, com importantes mercados localizados fora do País.

O mercado brasileiro de alimentos é grande e complexo, com dinâmicas divergentes entre os diferentes segmentos. Apesar de o mercado brasileiro de alimentos ser muito fragmentado, empresas multinacionais tiveram as quatro primeiras posições em vendas em 2020, em se tratando de alimentos embalados, nessa ordem: Nestlé, Groupe Lactalis, Mondelez Internacional e PepsiCo. O grupo brasileiro mais bem posicionado no mercado nacional é o grupo cearense M. Dias Branco (EMIS, 2021).

Para lidar com a dificuldade de participação no mercado e manutenção das margens em um mercado tão competitivo como o brasileiro, com restrições em termos de renda disponível dos consumidores, essas empresas têm adotado estratégias tais como a introdução de novos materiais de embalagem, investimentos em campanhas de marketing, modernização tecnológica dos processos de produção, maior eficiência de gestão e, mais recentemente, especialmente a partir do advento da pandemia da Covid-19, maior investimento no comércio eletrônico e canais de distribuição alternativos. A seção seguinte apresenta o desempenho recente da indústria de alimentos no Brasil

## 2 DESEMPENHO RECENTE

### 2.1 Produção e Vendas

Com relação à produção da indústria brasileira, os dados do IBGE (2021a, 2021b) referentes ao período 2016-2020 mostram um crescimento contínuo, embora em níveis baixos (exceto entre 2016 e 2017), na produção da indústria de alimentos (em toneladas) entre 2016 e 2020 (Tabela 1), gerando um crescimento acumulado de 14,0% no período.

**Tabela 1 – Evolução da produção (em toneladas)<sup>1</sup> da indústria de alimentos brasileira: 2016-2020**

CLASSE CNAE	2016	2017	2018	2019	2020
Fabricação de conservas de frutas	2.515.302	5.431.950	2.749.776	3.582.958	2.680.053
Fabricação de conservas de legumes e outros vegetais	1.349.416	1.266.385	1.018.416	1.326.996	992.593
Fabricação de sucos de frutas, hortaliças e legumes (Mil litros)	3.399.375	3.755.096	3.873.025	5.046.552	3.774.821
Fabricação de óleos vegetais em bruto, exceto óleo de milho	32.060.900	36.700.050	35.111.470	34.690.132	36.077.738
Fabricação de óleos vegetais refinados, exceto óleo de milho	3.489.745	4.266.797	4.563.317	4.613.513	4.641.195
Fabricação de margarina e outras gord. veg. e de óleos não comestíveis de animais	1.796.113	1.771.923	2.160.002	2.138.402	2.335.135
Preparação do leite (Mil litros)	8.827.323	9.362.912	9.755.539	9.697.006	9.134.579
Fabricação de laticínios (Toneladas)	5.770.391	6.099.177	6.456.555	6.417.816	6.045.582
Fabricação de laticínios (Mil litros)	1.306.897	1.333.986	937.793	932.166	878.101
Fabricação de sorvetes e outros gelados comestíveis	338.206	467.264	399.988	397.588	374.528
Beneficiamento de arroz e fabricação de produtos do arroz	7.640.929	7.841.276	7.864.942	7.872.807	7.786.206
Moagem de trigo e fabricação de derivados	10.699.278	11.565.217	12.360.435	11.853.657	11.770.682
Fabricação de farinha de mandioca e derivados	258.903	225.750	261.851	264.993	268.968
Fabricação de farinha de milho e derivados, exceto óleos de milho	3.181.351	2.982.730	3.359.964	3.400.284	3.451.288
Fabricação de amidos e féculas de vegetais e de óleos de milho	3.030.764	3.084.966	2.756.637	2.789.717	2.831.562
Fabricação de alimentos para animais	28.158.305	31.791.817	32.860.156	33.254.478	33.753.295
Moagem e fabricação de prod. de origem vegetal não espec. anteriormente	522.617	333.481	573.268	580.147	588.849
Torrefação e moagem de café	677.540	772.878	784.786	797.343	777.409
Fabricação de produtos à base de café	131.870	144.511	126.323	128.344	125.136
Fabricação de produtos de panificação	1.552.431	1.829.487	1.887.878	1.901.093	1.933.412
Fabricação de biscoitos e bolachas	1.862.169	1.917.405	2.144.326	2.159.336	2.196.045
Fabricação de produtos derivados do cacau, de chocolates e confeitos	1.606.036	1.634.708	1.713.671	1.725.667	1.755.003

CLASSE CNAE	2016	2017	2018	2019	2020
Fabricação de massas alimentícias	1.751.005	1.970.092	2.013.885	2.027.982	2.062.458
Fabricação de especiarias, molhos, temperos e condimentos	1.421.567	1.459.702	1.535.476	1.546.224	1.572.510
Fabricação de alimentos e pratos prontos	167.471	160.775	194.816	196.179	199.514
Fabricação de produtos alimentícios não espec. anteriormente (Toneladas)	3.373.817	3.580.957	4.919.195	4.953.629	5.037.841
Fabricação de produtos alimentícios não espec. anteriormente (Mil litros)	379.180	445.817	489.046	492.469	500.841
<b>Total em Toneladas</b>	<b>113.356.126</b>	<b>127.299.298</b>	<b>127.817.132</b>	<b>128.619.286</b>	<b>129.257.001</b>
<b>Total em Milhares de Litros</b>	<b>13.912.775</b>	<b>14.897.811</b>	<b>15.055.403</b>	<b>16.168.193</b>	<b>14.288.342</b>

Fonte: IBGE (2021a, 2021b)<sup>2</sup>. Elaboração do ETENE/BNB.

Notas: (1) Algumas classes possuem produtos quantificados em milhares de litros, as quais são indicadas na tabela.

(2) Dados de 2016 a 2018 da PIA Produto. Dados de 2019 e 2020: Estimativas a partir dos dados da PIM-PF.

Entre as classes de alimentos que mais cresceram a produção no período, destacam-se a fabricação de óleos vegetais refinados, exceto óleo de milho (33%), fabricação de margarina e outras gorduras vegetais e de óleos não comestíveis de animais (30%) e fabricação de produtos alimentícios não especificados anteriormente (49%). A produção de alimentos medida em milhares de litros, que abrange primordialmente a preparação do leite e a fabricação de alguns laticínios, apresentou crescimento quase insignificante, de 3%.

No que diz respeito às quantidades vendidas, os dados do IBGE mostram um cenário (Tabela 2) semelhante ao observado para a produção.

**Tabela 2 – Evolução das quantidades vendidas (em toneladas)<sup>1</sup> da indústria de alimentos brasileira: 2016-2020**

CLASSE CNAE	2016	2017	2018	2019	2020
Fabricação de conservas de frutas	2.391.254	2.800.488	2.576.848	3.357.634	2.511.510
Fabricação de conservas de legumes e outros vegetais	1.323.253	1.228.013	1.047.964	1.365.497	1.021.392
Fabricação de sucos de frutas, hortaliças e legumes (Mil litros)	2.957.284	3.119.939	3.157.435	4.114.138	3.077.375
Fabricação de óleos vegetais em bruto, exceto óleo de milho	28.345.793	30.302.276	32.169.845	31.783.807	33.055.159
Fabricação de óleos vegetais refinados, exceto óleo de milho	2.089.164	2.878.218	3.293.808	3.330.040	3.350.020
Fabricação de margarina e outras gord. veg. e de óleos não comestíveis de animais	1.088.667	1.087.033	1.325.258	1.312.005	1.432.710
Preparação do leite (Mil litros)	7.179.025	7.613.012	7.742.151	7.695.698	7.249.348
Fabricação de laticínios (Toneladas)	4.456.978	4.956.009	5.149.412	5.118.516	4.821.642
Fabricação de laticínios (Mil litros)	1.018.726	1.186.027	1.188.804	1.181.671	1.113.134
Fabricação de sorvetes e outros gelados comestíveis	301.902	451.429	361.700	359.530	338.677
Beneficiamento de arroz e fabricação de produtos do arroz	7.434.313	7.494.804	7.494.889	7.502.384	7.419.858
Moagem de trigo e fabricação de derivados	9.494.812	9.735.038	10.181.854	9.764.398	9.696.047
Fabricação de farinha de mandioca e derivados	208.939	186.668	209.380	211.893	215.071
Fabricação de farinha de milho e derivados, exceto óleos de milho	2.829.987	2.725.966	3.166.798	3.204.800	3.252.872
Fabricação de amidos e féculas de vegetais e de óleos de milho	2.724.936	2.767.521	2.396.933	2.425.696	2.462.082
Fabricação de alimentos para animais	11.151.874	11.521.755	12.555.048	12.705.709	12.896.294
Moagem e fabricação de produtos de origem vegetal não espec. anteriormente	479.046	302.558	564.050	570.819	579.381
Torrefação e moagem de café	647.008	752.933	705.332	716.617	698.702
Fabricação de produtos à base de café	88.948	95.601	102.782	104.427	101.816
Fabricação de produtos de panificação	1.339.366	1.652.383	1.641.147	1.652.635	1.680.730
Fabricação de biscoitos e bolachas	1.399.935	1.595.040	1.701.328	1.713.237	1.742.362
Fabricação de produtos derivados do cacau, de chocolates e confeitos	1.210.680	1.358.675	1.582.202	1.593.277	1.620.363
Fabricação de massas alimentícias	1.588.299	1.681.460	1.607.518	1.618.771	1.646.290
Fabricação de especiarias, molhos, temperos e condimentos	1.318.059	1.355.372	1.258.698	1.267.509	1.289.057

CLASSE CNAE	2016	2017	2018	2019	2020
Fabricação de alimentos e pratos prontos	105.260	99.070	119.022	119.855	121.893
Fabricação de produtos alimentícios não espec. anteriormente (Toneladas)	3.061.945	3.190.002	4.289.880	4.319.909	4.393.348
Fabricação de produtos alimentícios não espec. anteriormente (Mil litros)	407.049	454.910	507.132	510.682	519.364
<b>Total em Toneladas</b>	<b>85.080.418</b>	<b>90.218.312</b>	<b>95.501.697</b>	<b>96.118.963</b>	<b>96.347.274</b>
<b>Total em Milhares de Litros</b>	<b>11.562.084</b>	<b>12.373.888</b>	<b>12.595.522</b>	<b>13.502.189</b>	<b>11.959.220</b>

Fonte: IBGE (2021a, 2021b)<sup>2</sup>. Elaboração do ETENE/BNB.

Notas: (1) Algumas classes possuem produtos quantificados em milhares de litros, as quais são indicadas na tabela.

(2) Dados de 2016 a 2018 da PIA Produto. Dados de 2019 e 2020: Estimativas a partir dos dados da PIM-PF.

O aumento das vendas em toneladas no período (13,2%) foi semelhante ao da produção, com as mesmas classes de alimentos apresentando taxas de crescimento significativas para as vendas no período: fabricação de óleos vegetais refinados, exceto óleo de milho (60%), fabricação de margarina e outras gorduras vegetais e de óleos não comestíveis de animais (32%) e fabricação de produtos alimentícios não especificados anteriormente (43%).

Sobre o desempenho da indústria de alimentos e o mercado de consumo de produtos alimentícios no Brasil em 2020, EMIS (2021) destaca o impacto da pandemia da Covid-19 na dinâmica das vendas. Assim sendo, a pandemia foi o principal impulsionador do crescimento das vendas no varejo nas categorias de alimentos básicos, uma vez que os consumidores priorizaram itens domésticos essenciais. Mesmo com a reabertura dos estabelecimentos, muitos consumidores ainda não se sentiram confiantes para comer fora, de modo que as vendas no varejo tiveram desempenho significativamente melhor do que as observadas nos restaurantes, lanchonetes e similares. Uma consequência importante das medidas de isolamento social para os fabricantes de alimentos foi a necessidade de adaptação para atender à maior demanda do varejo, incluindo a logística e os tamanhos e tipos de embalagem.

Além das análises efetuadas acerca do comportamento da produção e das vendas da indústria de alimentos brasileira, para se entender o comportamento da demanda total, é essencial a avaliação do comércio internacional de produtos alimentícios.

Considerando-se apenas os produtos que se enquadram nas classes CNAE da indústria de alimentos que compõem o presente estudo, observa-se uma pequena instabilidade do comportamento das exportações no período 2016-2020, com crescimento entre 2016 e 2018 (após queda entre 2015 e 2016), seguida de leve retomada em 2020. É importante destacar que alguns dos principais segmentos exportadores que compõem a indústria de alimentos (por exemplo, agroindústria da carne e do frango) não estão no escopo da presente análise. Apesar da instabilidade citada, as exportações (em US\$ mil FOB) entre os anos de 2016 e 2020 tiveram um discreto crescimento, de 3,1%, conforme pode ser visto na Tabela 3.

**Tabela 3 – Exportações brasileiras de produtos alimentícios (US\$ Mil FOB): 2016-2020<sup>(1)</sup>**

Classes CNAE	2016	2017	2018	2019	2020
Fabricação de conservas de frutas	356.205	432.784	513.659	463.193	524.597
Fabricação de conservas de legumes e outros vegetais	28.315	34.932	66.614	31.214	34.694
Fabricação de sucos de frutas, hortaliças e legumes	2.105.151	2.143.755	2.352.227	2.109.907	1.603.340
Fabricação de óleos vegetais em bruto, exceto óleo de milho	6.073.948	5.952.761	7.726.552	6.527.417	6.611.828
Fabricação de óleos vegetais refinados, exceto óleo de milho	171.579	229.344	134.067	138.510	240.398
Fabricação de margarina e outras gord. veg. e de óleos não comestíveis de animais	25.717	22.091	20.343	27.491	67.510
Preparação do leite	1.519	108	398	1.445	1.537
Fabricação de laticínios	173.396	113.428	58.492	56.770	74.833
Fabricação de sorvetes e outros gelados comestíveis	872	412	943	2.651	7.062
Beneficiamento de arroz e fabricação de produtos do arroz	199.470	214.023	275.226	294.286	363.980

Classes CNAE	2016	2017	2018	2019	2020
Moagem de trigo e fabricação de derivados	16.582	33.524	19.828	39.739	65.735
Fabricação de farinha de mandioca e derivados	4.838	9.966	14.801	12.382	17.564
Fabricação de farinha de milho e derivados, exceto óleos de milho	45.177	69.310	44.601	39.592	92.448
Fabricação de amidos e féculas de vegetais e de óleos de milho	99.728	99.080	80.336	81.840	107.460
Fabricação de alimentos para animais	225.003	266.959	278.086	274.631	320.505
Moagem e fabricação de produtos de origem veg. não espec. anteriormente	181.985	199.192	213.030	210.097	223.175
Torrefação e moagem de café	12.809	13.176	11.692	9.789	22.555
Fabricação de produtos à base de café	616.094	659.890	590.697	582.598	533.276
Fabricação de produtos de panificação	16.029	18.429	19.329	22.337	23.793
Fabricação de biscoitos e bolachas	74.071	91.592	100.625	103.551	94.099
Fabricação de produtos derivados do cacau, de chocolates e confeitos	541.081	519.243	511.843	457.638	436.332
Fabricação de massas alimentícias	10.521	10.156	10.258	9.412	24.379
Fabricação de especiarias, molhos, temperos e condimentos	16.422	24.774	29.742	23.610	23.199
Fabricação de alimentos e pratos prontos	604.838	554.032	345.444	333.702	313.676
Fabricação de produtos alimentícios não especificados anteriormente	379.128	387.222	423.665	475.428	522.832
<b>Total</b>	<b>11.980.479</b>	<b>12.100.183</b>	<b>13.842.499</b>	<b>12.329.231</b>	<b>12.350.807</b>

Fonte: FUNCEXDATA (2021). Elaboração do ETENE/BNB.

Nota: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.

Contribuiu para essa instabilidade o comportamento das exportações de um segmento que possui volumes consideráveis de exportações entre os analisados, fabricação de óleos vegetais em bruto, exceto óleo de milho, segmento este que inclui o óleo bruto de soja. Entre 2018 e 2020, as exportações desse segmento apresentaram queda de 14,4%. Em linhas gerais, a pandemia da Covid-19 não afetou significativamente as exportações brasileiras de alimentos, exceto em alguns segmentos específicos, em linha com o desempenho geral do setor, conforme comentado anteriormente.

No que diz respeito às importações (Tabela 4), observou-se um comportamento um pouco diferente, com maiores oscilações: crescimento entre 2016 e 2017, seguido de queda entre 2017 e 2019 e retomada do crescimento em 2020. Ademais, os valores envolvidos são bem menores do que aqueles das exportações, o que é esperado, em função da expertise do Brasil como grande fornecedor mundial de alimentos. Considerando o agregado das classes analisadas, o crescimento das importações chegou a 5,6% entre 2016 e 2020, desempenho melhor do que o das exportações no período.

**Tabela 4 – Importações brasileiras de produtos alimentícios (US\$ Mil FOB): 2016-2020<sup>(1)</sup>**

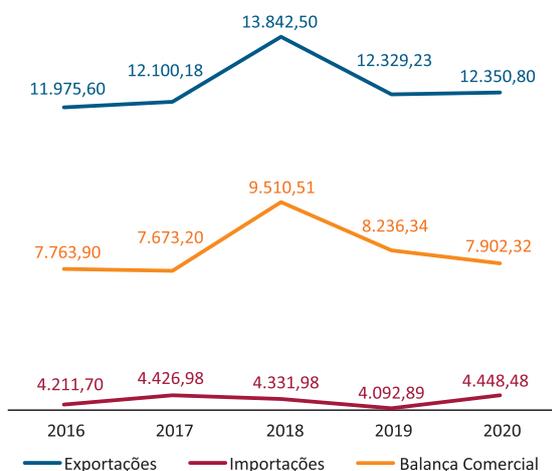
Classes CNAE	2016	2017	2018	2019	2020
Fabricação de conservas de frutas	265.952	299.769	314.669	303.016	282.323
Fabricação de conservas de legumes e outros vegetais	575.941	591.107	530.441	560.490	531.073
Fabricação de sucos de frutas, hortaliças e legumes	26.868	22.606	16.377	12.787	8.379
Fabricação de óleos vegetais em bruto, exceto óleo de milho	75.585	96.080	77.211	83.774	231.495
Fabricação de óleos vegetais refinados, exceto óleo de milho	689.900	793.146	840.319	672.129	803.843
Fabricação de margarina e outras gord. veg. e de óleos não comestíveis de animais	97.120	100.137	107.385	113.072	113.284
Preparação do leite	1.392	630	88	86	24
Fabricação de laticínios	683.446	594.454	519.400	492.694	598.760
Fabricação de sorvetes e outros gelados comestíveis	7.498	8.831	12.483	9.581	8.529
Beneficiamento de arroz e fabricação de produtos do arroz	263.859	295.532	202.154	224.490	301.427
Moagem de trigo e fabricação de derivados	131.976	132.236	124.741	133.159	94.182
Fabricação de farinha de mandioca e derivados	418	879	849	1.143	1.779
Fabricação de farinha de milho e derivados, exceto óleos de milho	3.961	2.682	2.212	6.214	6.594
Fabricação de amidos e féculas de vegetais e de óleos de milho	76.138	79.936	87.312	81.099	78.980

Classes CNAE	2016	2017	2018	2019	2020
Fabricação de alimentos para animais	234.110	255.392	272.310	260.279	312.169
Moagem e fabricação de prod. de origem veg. não especificados anteriormente	118.355	136.752	177.649	181.370	173.164
Torrefação e moagem de café	53.648	73.845	60.976	73.879	64.070
Fabricação de produtos à base de café	7.402	7.634	8.235	7.830	7.059
Fabricação de produtos de panificação	3.322	4.091	4.447	4.580	3.927
Fabricação de biscoitos e bolachas	25.450	33.401	36.468	34.428	37.661
Fabricação de produtos derivados do cacau, de chocolates e confeitos	386.493	390.454	418.472	372.102	337.488
Fabricação de massas alimentícias	28.097	36.910	37.755	36.734	38.681
Fabricação de especiarias, molhos, temperos e condimentos	33.527	36.618	37.878	40.672	48.545
Fabricação de alimentos e pratos prontos	95.229	54.915	49.412	33.390	38.157
Fabricação de produtos alimentícios não especificados anteriormente	326.021	378.944	392.741	353.891	326.895
<b>Total</b>	<b>4.211.708</b>	<b>4.426.982</b>	<b>4.331.982</b>	<b>4.092.886</b>	<b>4.448.484</b>

Fonte: FUNCEXDATA (2021). Elaboração do ETENE/BNB.  
 Nota: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.

Os dados mostram que a balança comercial da indústria de alimentos brasileira foi amplamente superavitária no período analisado, o que é condizente com o comentário anterior de que o Brasil é mundialmente conhecido como país fornecedor de alimentos para o resto do Mundo (Gráfico 1), embora o superávit tenha apresentado tendência de queda nos últimos dois anos.

**Gráfico 1 – Balança comercial da indústria de alimentos<sup>1</sup> brasileira no período 2016-2020 (US\$ milhões FOB)**



Fonte: FUNCEXDATA (2021). Elaboração do ETENE/BNB.  
 Nota: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.

Com relação aos principais parceiros do Brasil no comércio exterior de produtos alimentícios, destacam-se como destino, em 2020, países da Europa, tais como Holanda (Países Baixos), Alemanha, França, Bélgica e Espanha; países asiáticos, como Indonésia, Tailândia, Coreia do Sul e China; e os Estados Unidos. A Holanda (Países Baixos), posicionada como maior importador, possivelmente tem a função de entreposto, tendo em vista a importância do porto de Roterdã como receptor de mercadorias que têm a Europa como destino.

Por outro lado, no que diz respeito às importações, destacam-se alguns países da América do Sul (Argentina, Uruguai e Paraguai), que juntos são responsáveis por 36,5% do valor importado em produtos alimentícios pelo Brasil, Estados Unidos, países asiáticos (Indonésia e China) e países europeus (Portugal, Países Baixos, Itália e

Alemanha), com destaque para Portugal, que se consolidou como 3º maior exportador de produtos alimentícios para o Brasil, com participação de 6,8%.

## 2.2 Emprego e Capacidade Instalada.

Após dois anos de forte retração econômica (2015 e 2016), a economia brasileira apresentou três anos de recuperação, embora em níveis baixos de crescimento do PIB: 1,3% em 2017, 1,3% em 2018 e 1,1% em 2019. Em 2020, entretanto, a pandemia da Covid-19 teve forte impacto no desempenho da economia brasileira e da taxa de desemprego, que já estava elevada, o que tem reflexo na renda dos consumidores e, portanto, no consumo de bens em geral. A queda no PIB brasileiro em 2020 foi de 4,1%, e a taxa de desemprego deve fechar em torno de 14%.

No caso da indústria de alimentos, considerando-se os grupos da CNAE especificados na introdução, no período 2015-2019 (último dado disponível), houve queda no número de empregos entre 2015 e 2017, com retomada do crescimento do emprego no setor no País em geral a partir de 2018. Considerando-se todo o período 2015-2019, a taxa de crescimento foi de 3,7% no Brasil, enquanto o Nordeste teve queda de 0,8% nos empregos do setor. Em 2020 a expectativa é de que tenha havido crescimento do emprego na indústria de alimentos, influenciado pelo bom desempenho do setor em 2020, apesar da pandemia, pelos motivos já explicitados.

**Tabela 5 – Evolução do emprego na indústria de alimentos<sup>1</sup> no período 2015-2019: Brasil, Nordeste e UF**

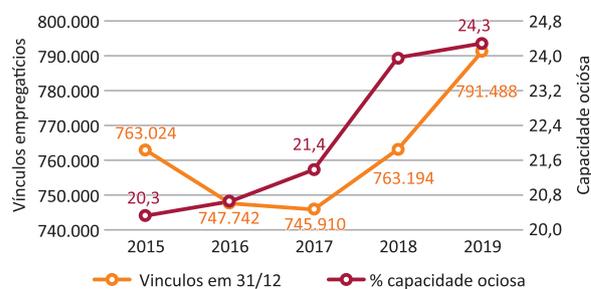
Estado	2015	2016	2017	2018	2019
Acre	1.108	989	1.105	1.075	1.100
Alagoas	6.837	6.602	6.411	6.563	6.750
Amapá	755	678	738	873	760
Amazonas	5.721	4.728	3.982	3.917	3.638
Bahia	27.777	26.956	27.979	29.254	29.416
Ceará	33.181	32.863	31.996	33.107	33.413
Distrito Federal	5.395	5.366	5.494	6.440	6.865
Espírito Santo	14.608	14.629	14.752	15.026	15.620
Goiás	41.145	39.363	39.692	40.971	42.243
Maranhão	3.891	4.058	4.230	4.559	4.599
Mato Grosso	11.769	11.624	12.412	12.752	13.719
Mato Grosso do Sul	8.165	7.685	7.617	8.257	8.454
Minas Gerais	103.685	102.091	103.900	106.403	112.736
Pará	14.463	15.409	15.779	16.184	17.694
Paraíba	10.325	10.266	9.882	10.029	10.047
Paraná	71.092	70.390	70.077	70.984	73.189
Pernambuco	31.916	30.567	30.421	30.999	30.246
Piauí	6.616	6.620	6.651	7.107	7.148
Rio de Janeiro	29.312	28.271	27.224	25.803	30.535
Rio Grande do Norte	10.712	10.156	9.788	10.138	10.261
Rio Grande do Sul	66.970	68.485	66.759	69.260	70.712
Rondônia	6.233	6.092	6.363	6.078	5.906
Roraima	521	576	567	640	874
Santa Catarina	42.428	42.317	43.527	45.820	49.849
São Paulo	198.260	191.065	188.690	190.796	196.952
Sergipe	7.408	7.272	7.190	7.350	5.693
Tocantins	2.731	2.624	2.684	2.809	3.069
<b>Região Nordeste</b>	<b>138.663</b>	<b>135.360</b>	<b>134.548</b>	<b>139.106</b>	<b>137.573</b>
<b>Brasil</b>	<b>763.024</b>	<b>747.742</b>	<b>745.910</b>	<b>763.194</b>	<b>791.488</b>

Fonte: RAIS (2021). Elaboração do ETENE/BNB.

Notas: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.

O aumento no número de vínculos empregatícios observado nos últimos 2 anos do período analisado ainda não teve reflexo na queda da capacidade ociosa (Gráfico 2). Esse relativo descompasso entre número de vínculos e capacidade ociosa pode estar relacionado com investimentos recentes em modernização e/ou aumento da capacidade.

**Gráfico 2 – Desempenho recente do número de empregos e capacidade ociosa<sup>1</sup> da indústria de alimentos brasileira: 2015 a 2019**



Fonte: RAIS (2021) e CNI (2021). Elaboração do ETENE/BNB.

Nota: (1) A capacidade ociosa informada considera todos os grupos da CNAE que compõem a indústria de alimentos.

O índice de utilização da capacidade produtiva do setor, que variou de 75,7% (2019) a 79,7% (2015), embora não esteja entre os mais baixos da indústria de transformação, poderia ser considerado um indicador de que não deverá haver grandes investimentos em ampliação da capacidade por parte das empresas do setor, apesar da queda da capacidade ociosa observada no último ano. Entretanto, como se trata de um índice que considera o agregado de todos os grupos e classes CNAE da indústria de alimentos, não permite uma avaliação mais concreta, pois os diferentes grupos são heterogêneos e comportam diferentes portes de empresas. Setores caracterizados pela dominância de empresas de menor porte (por exemplo, indústria de panificação) são mais sensíveis aos movimentos de aumento da demanda, o que tem impacto sobre a decisão de aumento da capacidade.

## 2.3 Distribuição Regional da Produção

A indústria de alimentos, considerando-se todos os seus grupos e classes da CNAE, constitui o setor da indústria de transformação brasileira de maior importância em termos de geração de empregos, englobando 23,3% de todos os empregos formais da indústria de transformação em 2019. Na Região Nordeste, a impor-

tância da indústria de alimentos é ainda maior, tendo em vista que foi responsável por 28,1% dos empregos formais da indústria de transformação em 2019.

Considerando-se apenas os grupos CNAE que são objeto da presente análise, a distribuição geográfica das empresas guarda certa relação com a distribuição da população brasileira, tendo em vista que alguns setores da indústria de alimentos têm forte viés de descentralização da produção, de acordo com a distribuição do mercado consumidor. Nesse sentido, os estados mais populosos são aqueles que concentram a maior quantidade de estabelecimentos ligados à indústria de alimentos (Gráfico 3).

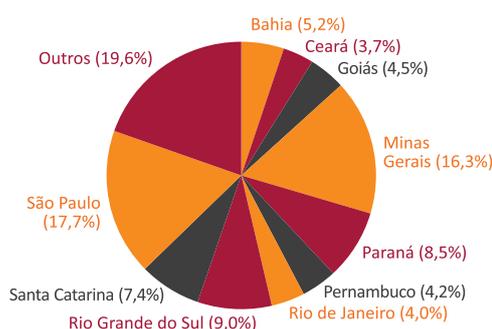
A exceção entre os dez estados mais populosos na lista dos dez estados com maior número de estabelecimentos da indústria de alimentos é o Pará, em função da maior importância do setor no Estado de Goiás (12º estado mais populoso).

No caso dos empregos, a lógica é a mesma observada para o número de estabelecimentos, tendo em vista que não se observou mudança na relação dos dez estados com maior número de vínculos empregatícios (Gráfico 4). Entretanto, entre os dez estados com maior número de empregos no setor, houve aumento da concentração dos empregos no Estado de São Paulo (24,9%) em 2019, em comparação com o número de estabelecimentos (17,7%), o que sinaliza que predominam em São Paulo empresas de maior porte na indústria de alimentos. Essa mesma lógica se aplica a outros estados como Ceará, Goiás e Paraná. Nos demais estados, percebe-se lógica inversa, com exceção do Rio Grande do Sul, estado onde a participação relativa no número de empresas e empregos é praticamente igual.

Conforme citado anteriormente, trata-se de um setor com alta relevância na indústria de transformação nordestina, sendo que a Região concentrava 21,3% dos estabelecimentos e 17,4% do emprego em 2019. O percentual de estabelecimentos maior do que o percentual de empregos, algo que ocorre também nas regiões Norte, Centro-Oeste e Sul, indica que, comparativamente à Região Sudeste, há predominância de empresas de menor porte na indústria de alimentos nestas regiões, incluindo o Nordeste.

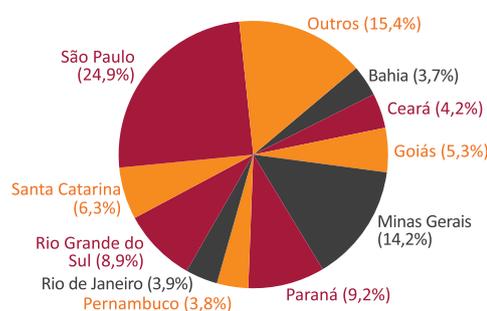
Apesar dessa característica predominante, existem grandes empresas nordestinas da indústria de alimentos que possuem relevância no mercado nacional, em seus respectivos segmentos. Destaca-se o grupo M. Dias Branco, com sede no Estado do Ceará e operações de produção e logísticas em diversos estados brasileiros, que atua no segmento de massas e biscoitos e se consolidou, em 2020, como o 5º maior produtor de alimentos embalados do Brasil em termos de participação no mercado (ver Quadro 1). Até o 3º trimestre de 2020, a empresa faturou R\$ 5,55 bilhões, crescimento de 25,9% em relação ao mesmo período de 2019. Duas estratégias têm sido características do grupo nos últimos anos para sustentar seu crescimento, a verticalização e a aquisição. Outra conquista importante da companhia em 2020 foi ingressar na carteira do Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE) da B3 vigente em 2021, o que demonstra um bom desempenho em indicadores relacionados à sustentabilidade.

**Gráfico 3 – Distribuição geográfica (%) das empresas brasileiras da indústria de alimentos<sup>1</sup> em 2019**



Fonte: RAIS (2021). Elaboração do ETENE/BNB.  
Nota: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.

**Gráfico 4 – Distribuição geográfica (%) dos empregos na indústria de alimentos<sup>1</sup> brasileira em 2019**



Fonte: RAIS (2021). Elaboração do ETENE/BNB.  
Nota: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.

## 3 PERSPECTIVAS

Nos últimos anos, a indústria de alimentos tem mantido crescimento nas vendas em âmbito mundial, mas em níveis relativamente baixos. O ano de 2020 foi uma exceção a essa tendência, já que o valor das vendas globais no varejo da indústria de alimentos embalados cresceu 4,6%. Apesar da queda observada nas vendas em restaurantes, lanchonetes e similares, o crescimento no varejo foi suficiente para um bom desempenho do setor em 2020. Entretanto, espera-se que as vendas voltem progressivamente para seus canais originais, o que pode significar uma queda das vendas no varejo e crescimento das vendas nos serviços de alimentação.

As empresas do setor precisam estar atentas a algumas tendências associadas aos produtos alimentícios e, conseqüentemente, deverão direcionar suas estratégias de produção e distribuição ao encontro dessas tendências. Enquanto algumas tendências já vinham se mostrando importantes, outras surgiram a partir da pandemia da COVID-19. As principais tendências dizem respeito à busca por marcas e produtos vinculados à sustentabilidade, à maior conveniência do consumo de alimentos “em casa” e o forte crescimento das compras pelo comércio eletrônico. Além disso, no que diz respeito aos tipos de produtos consumidos, o consumo de produtos veganos (à base de plantas) e de alimentos funcionais (ricos em probióticos, com ingredientes que aumentam a imunidade) vem se consolidando.

Essas tendências apresentadas, que se aplicam ao mercado global de produtos alimentícios, também devem ser consideradas no mercado brasileiro e nos mercados regionais, inclusive do Nordeste, logicamente considerando-se também as particularidades locais. Com o aumento do desemprego e a redução dos gastos dos consumidores com itens não essenciais, é provável que a busca por alimentos *premium* desacelere no curto e no médio prazo, reduzindo o potencial de crescimento desse segmento. Mesmo os consumidores que estão empregados, estão gastando com parcimônia, racionalizando as compras e escolhendo marcas *premium* com menos frequência.

No Brasil, iniciativas governamentais, como a publicação do Guia Alimentar e novas regulamentações de rotulagem, provavelmente impactarão negativamente as vendas de várias categorias de alimentos nos próximos anos, como biscoitos doces, carnes processadas e lanches salgados. Com efeito, espera-se que em 2021 seja aprovada nova legislação pela ANVISA que preveja nova rotulagem em formato de semáforo, indicando baixo (verde), médio (amarelo) ou alto (vermelho) teor de nutrientes potencialmente nocivos, como sal e gordura. Como os lanches salgados são ricos em sal e gordura, prevê-se que a nova legislação terá um impacto maior nesta categoria do que em outras. Com isso, espera-se uma reação das empresas, principalmente fabricantes de lanches salgados, no sentido de adaptar suas fórmulas para conter teores mais baixos desses ingredientes (EMIS, 2021).

Em linhas gerais, entende-se que a indústria de alimentos constitui um dos setores da indústria de transformação que mais necessitam de descentralização da produção, tendo em vista a perecibilidade dos insumos utilizados. Nesse sentido, as necessidades de investimentos e, conseqüentemente, de financiamentos, devem ser analisadas a partir do conhecimento da demanda local. Logo, vislumbra-se a necessidade de investimentos para a oferta de produtos alimentícios industrializados em estados que são mais isolados geograficamente em relação aos demais e possuem menor oferta desses produtos, tais como o Piauí e o Maranhão. Ademais, investimentos para a fabricação de produtos que atenderão a nichos específicos de mercado, e que estejam alinhados às tendências do mercado consumidor de produtos alimentícios, conforme supracitado, bem como às adaptações necessárias ao alinhamento dos produtos e processos às novas normas regulatórias que devem surgir ainda em 2021, também são perfeitamente cabíveis.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTOS. **Indústria de alimentos cresce 6,7% em 2019.** Disponível em [https://www.abia.org.br/vsn/tmp\\_2.aspx?id=422](https://www.abia.org.br/vsn/tmp_2.aspx?id=422) Acesso em 28 Fev. 2020.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTOS. **ABIA anuncia resultados do setor em 2020 em coletiva de imprensa.** Disponível em <https://abia.org.br/noticias/abia-anuncia-resultados-do-setor-em-2020-em-coletiva-de-imprensa> Acesso em 01 Mar. 2021.

**CAGED – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados.** Disponível em <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged.php> Acesso em 05 Fev. 2021.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA – CNI. **Indicadores industriais.** Disponível em <http://www.portaldaindustria.com.br/estatisticas/indicadores-industriais/> Acesso em 08 Fev. 2021.

EBIT. **Webshoppers 43a Edição.** 2021. Disponível em <https://company.ebit.com.br/webshoppers/webshoppersfree> Acesso em 15 Mar. 2021.

EMIS. **Brazil Food and Beverage Sector 2021/2022.** Disponível em <https://www.emis.com> Acesso em 30 Mar. 2021 (Acesso Restrito).

FUNCEXDATA. **Estatísticas de comércio exterior.** Disponível em <http://www.funcexdata.com.br/busca.asp> Acesso em 17 Fev. 2021 (Acesso Restrito).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Pesquisa industrial anual – PIA Produto.** Disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pia-produto/tabelas/brasil/2017> Acesso em 04 Fev. 2021a.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Pesquisa industrial mensal Pessoa Física – PIM-PF.** Disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/3650> Acesso em 04 Fev. 2021b.

**RAIS - Relação anual de informações sociais.** Disponível em <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/rais.php> Acesso em 05 Fev. 2021.

## TODAS AS EDIÇÕES DO CADERNO SETORIAL DISPONÍVEIS EM:

<https://www.bnb.gov.br/etene/caderno-setorial>

## EDIÇÕES RECENTES

### AGROPECUÁRIA

- Fruticultura - 06/2021
- Frango - 06/2021
- Algodão - 05/2021
- Açúcar - 05/2021
- Carne bovina - 04/2021
- Arroz: produção e mercado - 03/2021
- Silvicultura - 02/2021
- Cacau - 01/2021
- Pescado - 01/2021
- Própolis no Nordeste - 01/2021
- Trigo - 01/2021
- Pimenta-do-reino - 12/2020
- Feijão - 12/2020
- Milho - 11/2020
- Produção de café - 11/2020
- Bovinocultura leiteira - 10/2020
- Fruticultura - 10/2020
- Frango - 09/2020
- Complexo soja - 09/2020
- Cana-de-açúcar - 09/2020
- Mandioca e seus derivados - 09/2020
- Carne Suína - 08/2020
- Etanol de milho - 08/2020
- Produção e mercado de açúcar - 08/2020
- Produção e mercado de Etanol - 07/2020

### INDÚSTRIA

- Couro e calçados - 12/2020
- Construção civil - 12/2020
- Setor Têxtil - 11/2020
- Indústria petroquímica - 11/2020
- Indústria siderúrgica - 09/2020
- Bebidas não Alcoólicas - 07/2020
- Vestuário - 06/2020
- Bebidas Alcoólicas 06/2020
- Indústria de Alimentos - 05/2020

### INFRAESTRUTURA E CONSTRUÇÃO CIVIL

- Telecomunicações - 05/2021
- Micro e minigeração distribuída - 02/2021
- Petróleo e gás - 12/2020
- Logística de armazenagem - 10/2020
- Energia Solar - 03/2020

### COMÉRCIO E SERVIÇOS

- Eventos - 06/2021
- Saúde - 05/2021
- Shopping centers - 01/2021
- Comércio atacadista - 11/2020
- Comércio varejista - 09/2020
- Telecomunicações - 08/2020
- Turismo - 08/2020
- Comércio Varejista - 07/2020
- Comércio Varejista - 07/2020

## CONHEÇA OUTRAS PUBLICAÇÕES DO ETENE

<https://www.bnb.gov.br/etene>